

Memórias, Artesanias e outras Narrativas: uma metodologia de trabalho no campo do Patrimônio Cultural

Mémoires, artisanats et autres récits : une méthodologie de travail dans le domaine du patrimoine culturel

Daniani Schons da Silva

Universidade da Região de Joinville-SC
Joinville-SC

Raquel Alvarenga Sena Venera

Universidade da Região de Joinville – Univille
Joinville-SC

Vinícius Armiliato

Pontifícia Universidade Católica do Paraná -PPGF-PUCPR
Universidade do Contestado, Campus Rio Negrinho-SC

Resumo

Este artigo é um texto recorrente de uma pesquisa que explora as memórias e identidades em diálogos com a Arteterapia. No entanto, questiona suas abordagens essencialistas, embora acolha suas técnicas. O estudo questiona a concepção de identidade fixa, destacando sua complexidade e transformação constante. Ele enfatiza a importância de investigar memórias e identidades por meio de expressão artística e narrativas. Conclui-se que as histórias de vida são merecedoras de reflexões no campo do Patrimônio Cultural, não como saberes fixos, mas como narrativas dignas de preservação e reconfigurações.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Arteterapia; memória.

Résumé

Cet article est un texte récurrent d'une recherche qui explore les mémoires et les identités dans les dialogues avec l'art-thérapie. Cependant, il remet en question leurs approches essentialistes, même s'il apprécie leurs techniques. L'étude interroge la conception de l'identité figée, en mettant en évidence sa complexité et sa transformation constante. Il met l'accent sur l'importance d'enquêter sur les mémoires et les identités par le biais de l'expression artistique et de la récit. On en conclut que les histoires de vie méritent d'être réfléchies dans le domaine du patrimoine culturel, non pas en tant que connaissances figées, mais en tant que récits dignes d'être préservés et reconfigurés.

Mots-clés: Patrimoine culturel; l'art-thérapie ; mémoire.

Introdução

Este artigo objetiva avaliar a utilização da Arteterapia como metodologia no campo do patrimônio cultural a partir do contexto das memórias de mulheres/mães de estudantes com deficiência da APAE do município de Garuva, norte do estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. A maternidade, tanto como experiência profundamente pessoal, quanto carregada de expectativas de um ideal, dadas pela cultura, oportuniza a apreciação de um abrangente legado de histórias, emoções e saberes transmitidos de geração em geração os quais se apresentam atravessados pelas perspectivas individuais e coletivas.

As pessoas estão em constante transformação no que se refere a suas experiências existenciais e, uma das funções atribuídas à Arteterapia, é auxiliar o indivíduo a se conectar com tais transformações. Isso posto, a Arteterapia oportuniza ao indivíduo uma postura de observação em relação às experiências vivenciadas, tal como a compreensão do seu papel no contexto em que está inserido. Na Arteterapia, uma variedade de materiais é utilizada, não se limitando apenas à expressão criativa, mas também o diálogo e a relação com as imagens que emergem durante a criação artística, sejam, por exemplo, através da pintura ou em outras atividades manuais.

Na pesquisa a qual esse artigo está vinculado, a Arteterapia se desloca do seu propósito de terapia ou cura, para seu uso experimental enquanto metodologia interdisciplinar, dialogando com os campos da memória, da identidade e do patrimônio cultural. Tem como propósito acessar expressões através das produções plásticas e narrativas e de externar sentimentos e emoções da memória com reflexividade. Ou seja, aqui não se tratará de uma “terapia”, tampouco de uma “coleta de memórias” que podem dizer algo sobre um bem cultural, mas sim de uma metodologia que em movimento possa trazer reflexões sobre identidades, representações, vida em sociedade, aventando a possibilidade de aproximar o campo das narrativas de histórias de vida no seio do patrimônio cultural imaterial refletido.

Este artigo emerge de uma pesquisa de mestrado intitulada “Cada Ponto Conta: Memória e Identidade de Mulheres/Mães na APAE de Garuva/SC, em suas artesanias e narrativas”. Inserido na linha de pesquisa de Patrimônio, Memória e Linguagens, o estudo se concentra nas vivências das mulheres/mães de estudantes com deficiências atendidos na APAE de Garuva, no Sul do Brasil. Procura-se realizar uma exploração teórica sobre a aplicação da Arteterapia como metodologia no campo do Patrimônio Cultural, com uma atenção particular voltada para as memórias dessas mulheres/mães. No entanto, identificou-se na Arteterapia uma abordagem bastante essencialista sobre os entes, as quais se discorda neste artigo, embora ainda se aposta nos efeitos das mediações para a construção de acervos de narrativas.

O desafio, portanto, está em um entre aproximações e distanciamentos com a Arteterapia, que esperamos apresentar neste artigo. Serão abordados três pontos centrais: primeiramente, apresentamos um diálogo entre a Arteterapia e os estudos da (auto)biografia e examinaremos as complexas construções de identidade em uma perspectiva não essencializada. Em seguida, exploraremos as intrincadas relações entre memória e identidade. Por fim, lançaremos um olhar sobre a expressão artística e, novamente, o diálogo com as narrativas sobre si e seu papel no contexto do patrimônio cultural, sugerindo novas perspectivas de trabalho neste campo.

A análise desses elementos procura, ao final do artigo, ampliar a interseção entre Arteterapia, memória, identidade, com vistas, sobretudo, a inserir as narrativas autobiográficas no campo do Patrimônio. Desse modo, nossa intenção é não apenas contribuir para o enriquecimento do corpo teórico, mas também fornecer uma base para a prática da Arteterapia, destacando-a como uma abordagem inovadora na preservação e valorização das memórias das mulheres/mães da APAE de Garuva, SC.

Identities e Essencialismo: desconstruindo narrativas

A Arteterapia considera a subjetividade como uma construção em constante evolução, aberta a múltiplas possibilidades de experiência e expressão. Determinadas intervenções nesse campo proporcionam um espaço para o desenvolvimento da percepção e da imaginação, permitindo ao indivíduo a possibilidade de conexão com suas próprias memórias. Por meio da prática artística, o sujeito pode explorar e expressar suas emoções, pensamentos e experiências de forma criativa e simbólica.

Ao se engajar em atividades artísticas, como desenho, pintura, escultura ou colagem, o indivíduo é convidado a adentrar em um processo de auto expressão e auto exploração. Acredita-se que a arte tomada como um canal de comunicação não verbal permite que aspectos inconscientes venham à tona e sejam reconhecidos. Por suposto, a expressão artística possibilita uma ampliação da consciência sobre si mesmo e sobre as mudanças que ocorrem ao longo do tempo.

A percepção é aguçada à medida que o indivíduo se envolve com as diferentes formas de arte e se torna mais sensível às suas próprias experiências internas e externas. Através da observação e da reflexão sobre suas produções artísticas, o sujeito pode perceber padrões, significados e percepções substanciais as quais surgem durante o processo artístico. São momentos de clareza e compreensões que podem ocorrer quando o sujeito observa e reflete sobre suas produções artísticas, notadamente naquilo que apontam sobre seus processos de transformação e crescimento pessoal.

Para Delory (2014), no campo (auto)biográfico, “a construção das narrativas procede a partir de uma leitura de indícios significativos para o conhecimento dos fenômenos e dos mecanismos sociais” (DELORY, 2014, p, 282). As pessoas vivem eventos e experiências e, na apresentação de si mesmas, apresentam sua própria interpretação desses acontecimentos. Em diálogo com a Arteterapia seria equivalente dizer que os sujeitos explicarão os elementos e as áreas temáticas que moldaram a construção de sua biografia.

E qual importância da narrativa pessoal como uma forma de entender e explicar a jornada de vida de uma pessoa? As narrativas são uma forma de apresentar a percepção e a interpretação de um indivíduo sobre suas próprias experiências e acontecimentos. Portanto, as narrativas e as produções plásticas se caracterizam como uma das modalidades de compressão da construção biográfica de uma pessoa e fornecem uma visão particular sobre sua jornada de vida, afinal ambas são formas de expressão que comunicam coletivamente uma experiência.

Segundo Delory (2014, p. 257) “os homens vivem os acontecimentos e as experiências. Na apresentação de si mesmo, o indivíduo e o sua própria hermenêutica as etapas e a áreas temáticas de sua própria construção biográfica”. As narrativas e as produções são importantes para a compreensão do lugar de si mesmo no mundo, pois desafiam e reconstroem a compreensão do espaço histórico e social a partir do qual a “história de vida” se elabora.

A autora acima citada indica que as narrativas cumprem e tornam visível uma dupla operação complementar de desestruturação/reestruturação do espaço histórico e social a partir do qual se elabora a “a história de vida” da situação de interação onde a narrativa é produzida enquanto atividade discursiva pragmática (DELORY, 2014, p, 249). A desestruturação se refere ao modo como as narrativas questionam e desafiam as narrativas dominantes e as estruturas sociais invadidas, como a reinterpretação de eventos históricos, a desconstrução de estereótipos e a extensão de perspectivas marginalizadas.

Ao abordar o conceito de estruturas sociais invadidas, Delory (2014) se refere aos sistemas de valores, normas, crenças e relações de poder que moldam a sociedade e influenciam a forma como as narrativas são construídas e transmitidas. Essas estruturas sociais muitas vezes tendem a ser dominantes e perpetuam determinadas visões de mundo, estabelecendo um padrão de interpretação e significado.

No entanto, a desestruturação das narrativas busca desafiar e subverter essas estruturas sociais, permitindo a emergência de novas perspectivas de vozes que foram historicamente marginalizadas ou silenciadas. Isso pode envolver a reinterpretação de eventos históricos sob uma ótica diferente, questionando narrativas estabelecidas e abrindo espaço para diferentes interpretações.

Além disso, a desconstrução de estereótipos também é um elemento importante nesse processo. Por meio da análise crítica, as narrativas podem desafiar representações simplistas e preconceituosas, desconstruindo estereótipos que perpetuam desigualdades e marginalizações. A extensão de perspectivas marginalizadas refere-se ao esforço de ampliar a diversidade de vozes e experiências presentes nas narrativas. Isso envolve dar visibilidade a grupos sociais historicamente negligenciados, permitindo que suas histórias sejam contadas e suas perspectivas sejam consideradas. Essa ampliação de perspectivas contribui para uma compreensão mais abrangente e inclusiva das experiências humanas.

Arteterapia nos permite refazer a compreensão do mundo que nos cerca, reconstruindo a nossa percepção do nosso lugar no mundo. No campo biográfico, Delory (2014) acredita que as narrativas são produzidas em uma situação de interação, ou seja, são moldadas pelas dinâmicas sociais e interpessoais envolvidas na sua produção e escuta. Este artigo aposta no diálogo entre as reflexões acerca da produção de narrativas (auto) biográficas e a Arteterapia, no entanto, discorda das abordagens essencialistas sobre a identidade que essa última sustenta. Dizer sobre si mesmo e ao mesmo tempo se ocupar das narrativas pode revelar sobretudo que o gesto de se fazer a si mesmo é dinâmico e está em movimento, diferente de algo que se move para descobrir um “si mesmo” original ou protegido dos traumas da vida.

Em síntese, as narrativas criadas através da produção plástica são uma poderosa fonte de pesquisa para que o sujeito possa entender a si mesmo e o mundo que o cerca, pois desafiam e reformulam compreensões do espaço histórico e social e permitem percepções distintas, novas. O trabalho sobre as transformações torna-se prioridade sobre as subjetividades e histórias de vida em particular. Em suma, a “ruptura” se refere a uma mudança não planejada ou uma interrupção nas trajetórias de vida.

A imaginação que as técnicas de Arteterapia disparam são importantes pois através dela, transmitem-se valores que ajudam a superar medos e enfrentar situações vivenciadas no seu cotidiano. A expressão das subjetividades, cuja manifestação pode ocorrer tanto no âmbito individual quanto no coletivo, fazendo com que esse sujeito tome conhecimento dos objetos externos a partir de referenciais próprios.

As linguagens relacionam-se ao fato de que é por meio delas que os indivíduos se expressam, se posicionam socialmente, estabelecem trocas, fazendo da subjetividade um processo dinâmico e relacionado ao imbricamento entre o individual e o social. O estudo das identidades humanas leva em primazia as expressões das linguagens, exatamente porque é por elas que os sujeitos se mostram e se relacionam em trocas identitárias e de alteridade. Para Stuart Hall conceito de identidade tem sido submetido, ao mesmo tempo, a uma reserva crítica sobre o tema, ressalta ainda:

Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade disciplinares, todas as quase, de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada. Na filosofia tem-se feito, por exemplo, a crítica do sujeito autossustentável que está no centro da metafísica ocidental pós-cartesiana (HALL, 2008, p, 103).

A citação mencionada refere-se à desconstrução das perspectivas identitárias que tem sido amplamente explorada em várias áreas disciplinares. Essa desconstrução envolve questionar e criticar a noção de uma identidade interna, originária e unificada, que tradicionalmente tem sido concebida como um núcleo estável e imutável do ser. Trata-se de perceber as construções culturais na cultura e na linguagem. Essa desconstrução das perspectivas identitárias enfatiza a natureza fluida, e contingente da identidade. Ela reconhece que a identidade é construída através de uma multiplicidade de influências sociais, culturais e históricas, e está em constante transformação e negociação.

Trata-se de uma crítica das identidades fixas e essencialistas que é impulsionada por uma compreensão mais complexa da subjetividade humana, a qual reconhece a interconexão entre indivíduos, a influência do contexto social e cultural e a capacidade de construção de significado por parte dos sujeitos.

Essa perspectiva desconstrucionista desafia as narrativas dominantes e normativas que restringem a diversidade de experiências e a multiplicidade de identidades. Ela promove a abertura para a complexidade, a fluidez e a hibridez das identidades, e reconhece a importância de considerar as relações de poder, as diferenças e as desigualdades sociais na formação e na expressão da identidade.

Portanto, a desconstrução das perspectivas identitárias busca desafiar as noções fixas e essencialistas de identidade, abrindo espaço para uma compreensão mais fluida, relacional e contextualizada do eu e do outro. Essa abordagem crítica é fundamental para a promoção da diversidade, da inclusão e do respeito pelas múltiplas formas de ser e de se identificar na sociedade contemporânea. “A perspectiva desconstrutiva coloca certos conceitos-chave sob rasura”. O sinal de “rasura” indica que eles não servem mais – não são mais “bons para pensar” – em sua forma original, não-reconstruída” (HALL, 2008, p. 104.). A citação de Stuart Hall aborda a ideia de colocar certos conceitos-chave “sob rasura”, indicando que esses conceitos já não são mais válidos ou adequados em sua forma original e não reconstruída. A expressão “sob rasura” refere-se a uma prática de questionar, problematizar e desestabilizar conceitos que foram considerados como absolutos e fixos.

Hall (2008) argumenta que a perspectiva desconstrutiva desafia a noção de que certos conceitos são universais e imutáveis, reconhecendo que eles são construções sociais e

históricas sujeitas a transformação e reinterpretação. Ao colocar esses conceitos “sob rasura”, sugere-se que eles precisam ser reconsiderados e reconstruídos à luz de novos entendimentos e perspectivas.

A “rasura” dos conceitos-chave permite uma abertura para o questionamento e a crítica, abrindo espaço para a reconstrução de significados e para a emergência de perspectivas mais inclusivas e dinâmicas. Isso implica em reconhecer que o conhecimento e as identidades são construídos socialmente, e que eles estão sujeitos a múltiplas interpretações e transformações ao longo do tempo.

Portanto, a situação descrita na citação de Hall (2008) reflete a necessidade de revisitar e reavaliar conceitos-chave, reconhecendo que eles não são fixos ou definitivos, mas sim sujeitos a reavaliação e recontextualização. A perspectiva desconstrutiva busca desafiar as estruturas de poder e as suposições dominantes, permitindo uma abertura para a construção de novos significados e interpretações que sejam mais sensíveis às complexidades e diversidades das experiências humanas.

“É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e aquilo que somos” (WOODWARD, 2012, p.18). Nesse sentido, importante considerar as relações entre patrimônio e identidade, de modo a verificar a pertinência e os desafios dessas relações, nos processos de ativação patrimonial, é importante para uma série de componentes da vida cotidiana, como patrimônio cultural, associadas com a identidade. “A identidade, envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (WOODWARD, 2012, p. 13). Esta reflexão sobre a identidade essencialistas enfatiza um passado comum, congelado. A autora caracteriza assim duas versões do essencialismo identitário:

A primeira fundamenta a identidade na “verdade” da tradição e nas raízes da história, fazendo um apelo à “realidade” de um passado possivelmente reprimido e obscurecido, no qual a identidade proclamada no presente é revelada como um produto da história. A segunda está relacionada a uma categoria “natural”, fixa, na qual a “verdade” está enraizada na biologia. Cada uma dessas versões envolve uma crença na existência e na busca de uma identidade verdadeira. O essencialismo pode, assim, ser biológico e natural, ou histórico e cultural (WOODWARD, 2012, p. 37).

Por esta razão o essencialismo identitário, e a ideia de uma “verdadeira” identidade, estão visceralmente vinculados, diante das múltiplas identidades dos indivíduos. A noção de essencialismo, que é a crença na existência de uma identidade fixa e imutável que define uma pessoa ou grupo. O essencialismo pode ser entendido em duas formas: biológico e natural, ou histórico e cultural.

A primeira forma se baseia na ideia de que as diferenças entre os indivíduos estão enraizadas na biologia, na genética ou em traços naturais, como gênero ou raça. A segunda forma se baseia na ideia de que uma identidade é formada por influências culturais e históricas, como tradições, costumes e valores.

Ao acreditar na existência de uma identidade verdadeira, fixa e imutável, o essencialismo ignora a diversidade e a complexidade das experiências e das subjetividades humanas. Isso pode levar a estereótipos, preconceitos e discriminações, já que as pessoas são julgadas e rotuladas com base em características que supostamente definem sua identidade. Valores identitários, das mães podem enfrentar efeitos sociais negativos, como exclusão, exploração, privação, intolerância, preconceito e discriminação.

O essencialismo identitário pressupõe que certos grupos possuem características inerentes e imutáveis, o que leva à criação de hierarquias e estigmatização de determinados grupos. Essa visão reducionista ignora a diversidade e a individualidade das pessoas, perpetuando estereótipos e promovendo a discriminação com base na genética.

A ideia essencializadora de cultura e identidade, que tende a restringir e categorizar as pessoas em grupos fixos e homogêneos, ignorando a complexidade e a diversidade das experiências humanas, e tem sido criticada por muitos pesquisadores e pensadores ao longo das últimas décadas. Essa concepção tende a reduzir as pessoas a grupos fixos e homogêneos, com base em características culturais e/ou étnicas, ignorando a complexidade e diversidade das experiências humanas.

Assim a construção da identidade é tanto simbólica quanto social, é marcada pelas diferenças, o conceito de identidade é importante para observar como a identidade se insere no “círculo da cultura” bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com o discurso sobre a representação. “As identidades baseadas na “raça”, no gênero, na sexualidade e na incapacidade física, por exemplo, atravessam o pertencimento de classe” (WOODWARD 2012, p. 37)

Reflexo da Memória: A Jornada de Construção de Identidade

Como falar de identidade sem pensar na memória? “À memória parte de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é apropriação do que não nos pertence mais” (BOSI, 2003, p. 20). A memória não é história, legitimação no presente das opções de uma sociedade, e dos seus diferentes grupos culturais ou sociais. Bosi (2003) destaca a importância da memória na construção da identidade, pois ela é uma forma de apropriação do passado e uma maneira de entender e interpretar o presente.

A memória é um processo subjetivo, que envolve a seleção, organização e interpretação das informações que recebemos, baseadas em nossas experiências pessoais e coletivas. Ela é influenciada por nossas emoções, expectativas, valores e ideologias, e pode ser moldada pelas relações de poder presentes na sociedade.

A memória não é a mesma coisa que História, que é uma construção objetiva e sistemática do passado, com base em fontes documentais e metodologias científicas. Enquanto a História se preocupa em estabelecer fatos e verdades, a memória é mais flexível e subjetiva, podendo ser moldada por fatores externos e internos. A memória é uma forma de legitimação do presente, pois ajuda a definir o que é relevante ou não em nossa história, e que deve ser lembrado ou esquecido.

Dessa forma, pensar em identidade sem considerar a memória é impossível, pois é por meio dela que construímos nossas narrativas pessoais e coletivas, e compreendemos quem somos e de onde viemos. A memória pode ser uma forma de resistência e de afirmação de identidades minoritárias, que muitas vezes são marginalizadas ou apagadas da história oficial.

A memória é um instrumento estruturador de identidades, sendo um mecanismo ideológico de compensação as perdas ou fragilidades, de um determinado grupo ou sociedade, divididas em memória individual e memória coletiva.

Para Bosi (2003, p.22) “há, portanto, uma memória coletiva, produzida no interior de uma classe, mas com o poder de difusão, onde se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores”. Portanto ela é coletiva, mais afetada e é engendrada pelos sujeitos individualmente. Entendemos que ressignificar, as memórias dessas mães, estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato, sabendo-o e reconstruindo-o por uma memória seletiva, intencional ou não.

É uma crítica corrente que busca desconstruir as hierarquias, desigualdades e opressões produzidas histórico, social e culturalmente. Ela parte da compreensão de que a história deixou marcas profundas na construção das identidades, das relações sociais, das instituições e das formas de conhecimento, impondo padrões de poder, dominação e exploração que se reproduzem até hoje.

Essa abordagem coloca em xeque a ideia de que a cultura e a identidade são essencializadas, ou seja, que são inatas, fixas e imutáveis, e que se resumem a uma série de traços culturais ou biológicos. Ao contrário, ela defende que as culturas e as identidades são construções sociais e históricas, que se transformam ao longo do tempo e em diferentes contextos.

Assim, propomos uma crítica radical às formas de conhecimento hegemônicas, que muitas vezes são enraizadas e busca promover outras formas de conhecimento, produzidas

por grupos subalternizados e marginalizados. Além disso, enxergar as identidades dos grupos valorizando suas memórias é um compromisso com a promoção da justiça social e a equidade, combatendo as formas de opressão que ainda existem na sociedade, como o racismo, o sexismo, a homofobia, a transfobia e outras formas de identificação.

Candau (2011, p. 60) faz uma reflexão sobre as relações de si, para si, o trabalho de si, sobre si mesmo, a preocupação, a formação e expressão de si, supõem um trabalho da memória que realiza em três direções diferentes: uma memória do passado, das recordações; memória da ação absorvida num presente sempre evanescente; e a memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças. Sob este ponto de vista, a relação dessas memórias das mães sobre si, fica no esquecimento, absorvidas pela relação com a vida desse filho, e aos poucos vai se esvaindo e se perdendo com a rotina de mãe cuidadora, fica imersa da memória de espera, na esperança de resoluções das suas aflições, e conflitos.

Candau (2011), em sua reflexão, destaca a importância do trabalho da memória nas relações que estabelecemos com nós mesmos. Esse trabalho da memória se dá em três divisões: a memória do passado, das gravações; a memória da ação isolada num presente sempre evanescente; e a memória de espera, que se refere aos projetos, vivenciamos, promessas e esperanças que temos para o futuro.

A memória é fundamental para a construção da nossa identidade, pois é por meio dela que nós reconhecemos como seres históricos e sociais, que temos uma história e um passado que nos constituímos. Além disso, a memória também nos permite estabelecer relações com o presente e o futuro, ao absorvermos nossas ações no presente e projetarmos nossas esperanças e desejos para o futuro.

A relação entre identidade e memória ganha destaque nas reflexões sobre as narrativas contemporâneas. No presente contexto, exploramos como as narrativas moldam e influenciam a construção da identidade individual e coletiva.

As narrativas desempenham um papel fundamental na expressão e preservação da identidade. Elas nos permitem contar histórias pessoais e compartilhar experiências que moldam quem somos. Por meio das narrativas, estabelecemos conexões com o passado, dando significado às nossas vivências e compreendendo nossa trajetória.

No entanto, é importante reconhecer que as narrativas não são fixas ou imutáveis. Elas evoluem e se transformam ao longo do tempo, à medida que novas experiências são vivenciadas e novos significados são atribuídos. As narrativas estão em constante processo de construção, refletindo nossa compreensão em constante mudança do mundo e de nós mesmos.

Ao explorar as narrativas, também nos confrontamos com a complexidade da memória. A memória é seletiva e subjetiva, influenciada por nossas emoções, perspectivas e

contextos sociais. Ela molda nossas lembranças e, por sua vez, contribui para a formação de nossa identidade. Quando lembramos de um evento ou experiência, não estamos simplesmente recuperando uma reprodução fiel dos acontecimentos. Em vez disso, nossa memória é influenciada por uma série de fatores, como nossas emoções, perspectivas, crenças e contexto social.

Portanto, no presente contexto, as narrativas continuam a desempenhar um papel fundamental na reflexão sobre identidade e memória. Elas nos convidam a explorar as múltiplas camadas e nuances que compõem quem somos, assim como a reconhecer a importância da diversidade de experiências e perspectivas na construção de uma compreensão mais completa do mundo e de nós mesmos.

O Fazer Artístico: Novos Olhares

Através da Arte, é possível criar formas de representação e de construção de memória, que não sejam apenas comemoradas em monumentos ou em objetos físicos. Através da metodologia e técnicas usadas em Arteterapia, as pessoas podem ser convidadas a expressar suas próprias memórias e histórias, criando um tipo de valorização de patrimônio imaterial, que valoriza a diversidade e a subjetividade.

Além disso, as expressões artísticas e a arte podem ser usadas para revitalizar espaços públicos e patrimônios urbanos, trazendo novas formas de intervenção que valorizam a participação e o diálogo com a comunidade. Ao invés de ver o patrimônio cultural como algo intocável e de reprodução de memórias e identidades, a arte e a Arteterapia nos ajudar a repensar o seu valor e sua relação com as pessoas, interativo em algo vivo e dinâmico. A autora Rolnik (2018) faz uma reflexão:

[...] é preciso se agir igualmente para reapropriar-se da força de criação e cooperação- ou seja, atuar micro politicamente -, reconhecê-lo racialmente não garante ações eficazes nessa direção. É a reapropriação do impulso de criação só se efetua ao iniciar sobre ações e desejo, de modo a imprimir-lhes sua direção e seu modo de relação com o outro; no entanto, tais ações tendem a chocar-se com a barreira da política de produção de subjetividade e do desejo inerentes ao regime vigente (ROLNIK, 2018, p.35).

Rolnik (2018) aborda a necessidade de agir para se reapropriar da força de criação e cooperação, existir micro politicamente, ou seja, em nível individual e coletivo, mas também imprimir direção e modo de relação com o outro, essas ações. Porém, as barreiras da política de produção de subjetividade e do desejo inerente ao regime vigente podem dificultar essa ação.

No contexto dos campos do Patrimônio Cultural e da Arte, podemos pensar em como essa barreira pode afetar a forma como nos apropriamos dessas manifestações culturais. A

política de produção de subjetividade e de desejo pode influenciar a maneira como enfrentamos e valorizamos o patrimônio e a arte, muitas vezes reproduzindo obediências e exclusões.

Suely Rolnik ressalta ainda a importância de (2018 p. 37) “para driblar o inconsciente em nós mesmo e em nosso entorno, exige um trabalho de investigação que só pode ser feito no campo da própria experiência subjetiva”. Com essa afirmação, ela destaca a importância de uma reflexão sobre a própria experiência subjetiva para identificar as barreiras que podem impedir a criação e a cooperação entre as pessoas. Sugere que é necessário um trabalho de investigação para compreender o que está presente no inconsciente individual e coletivo, e como esses aspectos podem afetar a capacidade de atuar micro politicamente, ou seja, de agir no nível das relações interpessoais e produzir mudanças.

Essa reflexão sobre a própria subjetividade pode ser aplicada também ao contexto do patrimônio e da arte. Ao investigar as próprias memórias, crenças e valores em relação ao patrimônio, por exemplo, é possível identificar as barreiras que impedem a apropriação criativa e colaborativa desse patrimônio. Da mesma forma, ao explorar as próprias experiências artísticas e estéticas, é possível compreender como a subjetividade influencia a percepção e a produção de arte.

Ao observar, perceber e sentir algo, estamos vivenciando uma experiência, mas é preciso ir além disso e realizar um trabalho reflexivo para que essa experiência se torne significativa e possa contribuir para o nosso crescimento pessoal e desenvolvimento humano.

Em outra perspectiva, agora no campo da pesquisa (auto) biográfica a autora Josso (2002, p. 35) fala que “vivemos em infinidade transações e vivências: estas vivências atingem o estado de experiências a partir do momento em que fazemos um certo trabalho sobre o que foi observado, percebido e sentido”. Essa fala destaca a importância da reflexão e do trabalho sobre nossas vivências e experiências.

Na abordagem da Arteterapia, por exemplo, esse trabalho reflexivo pode ser realizado por meio da expressão artística, que permite ao indivíduo entrar em contato com suas emoções, sentimentos e pensamentos de uma maneira não verbal e acompanhada. Ao criar uma expressão artística, o indivíduo pode explorar suas vivências e experiências de uma forma segura e criativa, permitindo a compreensão e integração dessas experiências em sua vida.

Dessa forma, a citação de Josso (2002) nos convida a refletir sobre a importância de trabalharmos nossas experiências e vivências, conversando-as em aprendizados e crescimento pessoal, o fazer artístico atrelado a metodologia da Arteterapia pode ser uma ferramenta valiosa nesse processo. A autora faz ainda uma reflexão sobre as experiências:

As narrativas de formação permitem distinguir experiências coletivamente partilhadas pelas nossas pertenças socioculturais e experiências individuais, experiências únicas e experiências em série. A experiência implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural: isso é ela comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais (JOSSO, 2002, p.35).

A citação de Josso (2002) destaca a importância da reflexão e do trabalho sobre nossas vivências e experiências. Ao observar, perceber e sentir algo, estamos vivenciando uma experiência, mas é preciso ir além disso e realizar um trabalho reflexivo para que essa experiência se torne significativa e possa contribuir para o nosso crescimento pessoal e desenvolvimento humano.

Essa compreensão é fundamental para a Arteterapia e seu uso no campo do patrimônio, pois essas formas culturais são, em última instância, produzidas e apreciadas por sujeitos que se relacionam com elas a partir de suas experiências subjetivas.

Josso (2002) diz como compreendemos como é que nós formamos ao longo da nossa vida através de um conjunto de experiências, mais ainda tomar consciência que este reconhecimento de nós próprios como sujeito (JOSSO, 2002, p.43). A autora afirma ainda que nossa formação como sujeitos ocorre ao longo de toda a nossa vida, a partir de uma série de experiências que vamos acumulando. É importante que tenhamos consciência desse processo, pois é através dele que nos tornamos sujeitos ativos e responsáveis pela nossa própria história.

A Arteterapia pode ser uma ferramenta muito útil para esse processo de tomada de consciência e reconhecimento de nós mesmos como sujeitos. Através da arte, podemos expressar nossas emoções, sentimentos e vivências de uma forma não verbal, o que muitas vezes pode ser mais fácil e profundo do que a expressão verbal. Além disso, a Arteterapia pode nos ajudar a refletir sobre nossas experiências e construir um sentido para a nossa vida e identidade.

Dessa forma, a relação entre a teoria de Josso (2002) e a Arteterapia se dá na medida em que ambos buscam compreender e respeitar a nossa formação como sujeitos, e como essa formação é influenciada pelas nossas experiências ao longo da vida. A Arteterapia pode ser vista como uma forma de intervenção que ajuda a desenvolver a consciência de si mesmo e construir uma identidade mais autônoma e integrada.

A autora ressalta ainda que, “conhecimento de si, procura, envolver os nossos diferentes modos de estar no mundo, de nos projetarmos nele e de fazermos na proporção do desenvolvimento da nossa capacidade para multiplicar e, alargar, aprofundar as nossas sensibilidades para nós próprios e para o mundo” (JOSSO, 2002, p.43).

Josso (2002) enfatiza a importância do conhecimento de si mesmo, que envolve uma compreensão dos diferentes modos como nos relacionamos com o mundo e como projetamos

nossas ações nele. Esse conhecimento não é estático ou fixo, mas sim algo que se desenvolve ao longo da vida, na medida em que expandimos e aprofundamos nossa capacidade de perceber e compreender as coisas.

A relação com a Arteterapia pode ser encontrada nessa ideia de sensibilidade e expansão de experiências. Através da prática e do fazer artístico, podemos explorar nossas emoções, impressões e pensamentos de maneira criativa e não verbal. Isso pode nos ajudar a expandir nossa compreensão de nós mesmos e do mundo, permitindo-nos explorar novas perspectivas e desenvolver uma maior sensibilidade para com a nossa própria experiência e a experiência dos outros. A abordagem interdisciplinar da Arteterapia enriqueceu o estudo do patrimônio imaterial, contribuindo para uma compreensão mais profunda da identidade humana e seu desenvolvimento ao longo da vida.

Conclusão

A formação da identidade é um processo intrincado e multifacetado, influenciado por um complexo conjunto de elementos, incluindo memórias individuais e coletivas, experiências pessoais e interações sociais. Nossa identidade é uma construção em constante transformação, moldada ao longo do tempo pelas vivências que atravessamos. A essência, como conceito fixo e imutável, não se alinha com a natureza dinâmica da identidade humana.

Por meio da arte, do fazer artístico e da expressão narrativa é possível criações e reconstruções de memórias e consciências de identidades, além de reflexões acerca de experiências que se conectam com o rico tecido da identidade cultural mais ampla. Através desse processo, é possível compreender melhor a complexidade e a diversidade que moldam cada indivíduo, bem como as interconexões com as identidades coletivas.

Nesse contexto, a aplicação da Arteterapia no campo do patrimônio cultural desempenha um papel crucial ao buscar compreender e valorizar tanto as experiências individuais quanto as coletivas. A abordagem interdisciplinar da Arteterapia enriquece a investigação do patrimônio (em)comum da humanidade, um campo ainda em investigação, como a linguagem e suas formas de expressão, enriquecendo os argumentos sobre esse tipo de patrimônio.

Ao reconhecer a riqueza das narrativas individuais e coletivas, podemos estabelecer um diálogo mais significativo e inclusivo com o patrimônio cultural. A valorização dessas histórias pessoais e coletivas nos convida a repensar a noção de patrimônio, transformando-o de algo estático e intocável a uma entidade viva e dinâmica, enraizada na diversidade de experiências e identidades humanas.

Em suma, a Arteterapia aplicada no contexto do Patrimônio Cultural desempenha um papel transformador e enriquecedor, promovendo um olhar mais abrangente sobre a identidade humana e sua relação com a herança cultural que se atualiza no tempo presente. Essa abordagem interdisciplinar nos convida a valorizar e preservar as memórias individuais e coletivas como uma parte vital da construção da identidade, contribuindo para uma sociedade mais consciente, inclusiva e conectada com suas raízes culturais.

Referências

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: Ensaio de psicologia social. São Paulo: Atelier Edura. 2003.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida**: Da invenção de si ao projeto de formação. Tradução: Albino Pozzer. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB. 2014

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In.* SILVA, Tomaz. T. (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008, p.103-133.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**, notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1, 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferenças: uma introdução teórica e conceitual. SILVA, Tomasz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD Kathryn (Orgs.). **Identidade e Diferenças: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012, p.7-72.

SOBRE OS AUTORES

Daniani Schons da Silva

Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade, pela Universidade da Região de Joinville (2023), título de minha pesquisa Cada Ponto Conta: Memória e Identidade de Mulheres/Mães na APAE de Garuva/SC, em suas artesanias e narrativas. Graduada em Artes Visuais pela Universidade da Região de Joinville (2013). Especialização em Arteterapia, pela Censupeg de Joinville, Atualmente é professora - Secretária de Educação do Estado de Santa Catarina, na disciplina de Projeto de Pesquisa e Projeto de Vida, e na rede municipal de Garuva como professora de Oficinas de Arte e Meio Ambiente. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes.

E-mail: eduepaseer@uepa.br

Raquel Alvarenga Sena Venera

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, em 2009. É bacharel e licenciada em História pelo universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, em 2000 e possui mestrado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2003. É coordenadora do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville, Univille, (gestões 2021-2022 e 2023-2024) .Líder do Grupo de Pesquisa Subjetividades e (auto) biografias. Atualmente ministra as disciplinas Memória e Identidade, Estudos avançados em Memória, Linguagem e Identidade, Seminários de Produção Científica (II,III e IV), Seminários de Tese III e Desafios da Educação Patrimonial no Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade. Leciona igualmente no curso de graduação em História as disciplinas de Metodologia do Ensino de História e Introdução aos Estudos da História e Saberes Históricos e Cultura Escolar.
E-mail: raquel.venera@univille.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7928-0030>

Vinícius Armiliato

Pós-doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGF-PUCPR). Doutorado e Mestrado em Filosofia pela mesma instituição, linha de pesquisa Filosofia da Psicanálise. Realizou estágio doutoral na Université de Paris 7 - Diderot (mar/17-fev/18). Especialista em Sociologia Política (UFPR), graduado em Psicologia (PUC-PR) e Bacharel em Artes Cênicas, pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Atuação como docente do curso de Psicologia da Universidade do Contestado, Campus Rio Negrinho-SC, atuação como Professor Assistente na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB) e como Coordenador Psicopedagógico de Educação Infantil, na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo (Brasília-DF).

E-mail: vinicius.arm@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2288-3820>

Recebido: 05/08/2023

Aprovado: 14/10/2023